

**CARLOS DRUMMOND  
DE ANDRADE**  
BREJO DAS ALMAS

POSFÁCIO

Alcides Villaça

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond  
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

sobre *Composição* (Figura só), 1930,  
de Tarsila do Amaral, óleo sobre tela, 83 x 129 cm.  
Instituto São Fernando, Rio de Janeiro.  
Reprodução de Romulo Fialdini.

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Júlio Castañon Guimarães (Casa de Rui Barbosa)

REVISÃO FINAL

Antonio Carlos Secchin

PREPARAÇÃO

Léo Rubens

REVISÃO

Marina Nogueira

Jane Pessoa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Brejo das almas/ Carlos Drummond de Andrade;  
posfácio de Alcides Villaça — 1ª ed. — São Paulo:  
Companhia das Letras, 2013.

ISBN 978-85-359-2328-5

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 —  
Crítica e interpretação 2. Poesia brasileira 3. Poesia lírica  
1. Villaça, Alcides. II. Título.

13-09308

CDD-869.91

---

Índice para catálogo sistemático:

I. Poesia: Literatura brasileira 869.91

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## Sumário

- 11 Aurora
- 12 Registro civil
- 13 Boca
- 14 Soneto da perdida esperança
- 15 Sol de vidro
- 16 Um homem e seu carnaval
- 17 O amor bate na aorta
- 19 Grande homem, pequeno soldado
- 21 O passarinho dela
- 22 Poema patético
- 23 O voo sobre as igrejas
- 25 Hino nacional
- 27 As namoradas mineiras
- 28 Em face dos últimos acontecimentos
- 29 O procurador do amor
- 31 Girassol
- 32 Coisa miserável
- 33 Convite triste
- 35 Não se mate
- 37 Canção para ninar mulher
- 39 Segredo
- 40 Necrológio dos desiludidos do amor
- 41 Sombra das moças em flor
- 42 Oceania
- 44 Castidade
- 45 Desdobramento de Adalgisa
  
- Posfácio
- 47 *Desejos tortos*,  
ALCIDES VILLAÇA
  
- 59 Leituras recomendadas
- 61 Cronologia
- 67 Crédito das imagens
- 69 Índice de primeiros versos

# **BREJO DAS ALMAS**

## AURORA

O poeta ia bêbedo no bonde.  
O dia nascia atrás dos quintais.  
As pensões alegres dormiam tristíssimas.  
As casas também iam bêbedas.

Tudo era irreparável.  
Ninguém sabia que o mundo ia acabar  
(apenas uma criança percebeu mas ficou calada),  
que o mundo ia acabar às 7 e 45.  
Últimos pensamentos! últimos telegramas!  
José, que colocava pronomes,  
Helena, que amava os homens,  
Sebastião, que se arruinava,  
Artur, que não dizia nada,  
embarcam para a eternidade.

O poeta está bêbedo, mas  
escuta um apelo na aurora:  
Vamos todos dançar  
entre o bonde e a árvore?

Entre o bonde e a árvore  
dançai, meus irmãos!  
Embora sem música  
dançai, meus irmãos!  
Os filhos estão nascendo  
com tamanha espontaneidade.  
Como é maravilhoso o amor  
(o amor e outros produtos).  
Dançai, meus irmãos!  
A morte virá depois  
como um sacramento.

## REGISTRO CIVIL

Ela colhia margaridas  
quando eu passei. As margaridas eram  
os corações de seus namorados,  
que depois se transformavam em ostras  
e ela engolia em grupos de dez.

Os telefones gritavam Dulce,  
Rosa, Leonora, Cármen, Beatriz,  
porém Dulce havia morrido  
e as demais banhavam-se em Ostende  
sob um sol neutro.

As cidades perdiam os nomes  
que o funcionário com um pássaro no ombro  
ia guardando no livro de versos.  
Na última delas, Sodoma,  
restava uma luz acesa  
que o anjo soprou.  
E na terra  
eu só ouvia o rumor  
brando, de ostras que deslizavam  
pela garganta implacável.

## BOCA

Boca: nunca te beijarei.  
Boca de outro, que ris de mim,  
no milímetro que nos separa,  
cabem todos os abismos.

Boca: se meu desejo  
é impotente para fechar-te,  
bem sabes disto, zombas  
de minha raiva inútil.

Boca amarga pois impossível,  
doce boca (não provarei),  
ris sem beijo para mim,  
beijas outro com seriedade.

## SONETO DA PERDIDA ESPERANÇA

Perdi o bonde e a esperança.  
Volto pálido para casa.  
A rua é inútil e nenhum auto  
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta  
em que os caminhos se fundem.  
Todos eles conduzem ao  
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo  
ou se é alguém que se diverte  
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.  
Entretanto há muito tempo  
nós gritamos: sim! ao eterno.